

ENTRE O GRITO E O SUSSURRO, AS MEMÓRIAS: POÉTICAS DE RESISTÊNCIA EM RENATA PALLOTTINI E DIANA BELLESSI

MARIANA LINK MARTINS¹; CLAUDIA LORENA VOUTO DA FONSECA²

¹Universidade Federal de Pelotas – marianalinkk@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fonseca.claudialorena@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Durante as décadas de sessenta a oitenta, muitos países latino-americanos sofreram com as ditaduras militares instauradas a partir de violentos golpes. A América Latina da segunda metade do século passado testemunhou a barbárie perpetrada pelo próprio Estado, o qual conferiu para si, em cada país, poderes para torturar, matar e censurar, além de desaparecer com todo o tipo de oposição, incluindo pessoas nesse processo.

No Brasil, a ditadura civil-militar durou 21 anos (1964 - 1985), e, logo após seu fim, inaugurou-se uma tentativa de fingir que esse período não existiu ou que, então, havia sido superado, relativizando os eventos a partir da construção de uma narrativa que disseminava a ideia de que os abusos ocorriam de ambos os lados. Já na Argentina, onde a ditadura se estendeu de 1976 a 1983, as políticas da memória foram mais efetivas, uma vez que o país condenou muitos culpados e mantém a memória do regime na ordem do dia, principalmente ao criar, em 2002, o “Dia da Memória, Verdade e Justiça”, um feriado nacional para lembrar a importância da democracia.

No entanto, mesmo com essas diferenças significativas, tanto o Brasil, como a Argentina têm em comum, na construção da sua memória oficial sobre a ditadura militar, o apagamento de memórias das mulheres que a vivenciaram. Na verdade, o processo histórico no geral tem como característica elaborar um discurso hegemônico do qual as mulheres sempre foram excluídas em detrimento dos homens. Conforme elucida LERNER (2019, p. 275), as mulheres tiveram sua história negada e, vivendo em um mundo onde são desvalorizadas, “suas experiências carregam o estigma da insignificância”. Na literatura produzida sobre a história latino-americana e seus regimes antidemocráticos, os homens ocupam um lugar de destaque, suas considerações, memórias, testemunhos ou ficções possuem mais valor. Já a produção literária de mulheres, sobretudo as memorialísticas, não estão no mesmo patamar.

A memória, enfatiza GAGNEBIN (2006), não é um simples registro do passado e sim uma entidade viva e ativa no presente, que delinea identidades e estruturas sociais. Tanto que é constantemente refeita, reinterpretada e atualizada pelas novas gerações que defrontam-se com a herança do passado. Nesse sentido, a literatura atua como uma estratégia de preservação da memória, um dos principais registros das experiências que não estão fixadas como uma memória coletiva, constituindo-se, nesse caso, como *arquivo da ditadura* (FIGUEIREDO, 2017).

A partir de tal noção, de que a literatura é um inventário de memórias acerca das ditaduras latino-americanas, o presente trabalho tem como objetivo analisar a produção poética de duas escritoras: a brasileira Renata Pallottini e a argentina Diana Bellessi. Ambas vivenciaram entre as décadas de setenta e oitenta do século passado, em seus respectivos países, a violência e o terrorismo perpetrados pelas ditaduras militares instauradas por golpes e escreveram em versos os horrores que testemunharam. As poetisas publicaram diversos poemas e obras durante esse

Comentado [1]: Usar vírgula: “caso, como”

período, contemplando diferentes aspectos relacionados ao contexto em que cada uma estava inserida. Neste estudo, serão explorados os livros *Coração Americano* (1976), de Pallottini, e *Crucero Ecuatorial* (1981), de Bellessi.

2. METODOLOGIA

A metodologia consiste em uma análise qualitativa, a partir de uma investigação bibliográfica acerca dos conceitos de memória, resistência e testemunho na poesia, a fim de embasar teoricamente a leitura das obras das escritoras Renata Pallottini e Diana Bellessi.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Renata Pallottini, nascida em 1931, começou a escrever poesia ainda na adolescência. Durante a ditadura civil-militar brasileira, foi uma figura importante no cenário da resistência cultural. Transitando entre a dramaturgia e a poesia, nos anos setenta, a escritora teve peças teatrais censuradas, bem como a leitura dos seus poemas em espaços públicos proibida. Em 1976, lançou *Coração Americano*, sua primeira obra politicamente engajada e de oposição ao regime, a qual obteve uma recepção calorosa do público, esgotando rapidamente, ganhando uma nova edição em 1979.

Coração Americano é resultado das viagens da poeta pelo continente americano e nele PALLOTTINI constrói uma lírica que reflete acerca da opressão e da luta pela democracia no momento mais repressivo da ditadura civil-militar brasileira: os terríveis anos de chumbo (1968-1974). Tanto é que a leitura pública dos poemas dessa obra foi proibida até 1979 (PALLOTTINI, 1995). Já no primeiro poema, o qual recebe o mesmo nome do livro, o eu lírico ilustra a atmosfera da época que, além do medo, era composta pelo cansaço, sufocamento e angústia. Suas palavras demonstram o vazio que muitos sentiam: “Mudou-se a vida. / Hoje estão vivos / os que se calam.” (PALLOTTINI, 1979, p. 19) Essa referência condiz com o que se passava no início da década de setenta no Brasil após a instituição do AI-5 (Ato Institucional nº 5). A escritora, então, manipula suas palavras para dizer o indizível, expressão de GAGNEBIN (2006), e, assim, manter-se viva em tempos tão sombrios.

O poema “Mensagem” pode exemplificar essa visão. Nele, a voz poética também narra as atrocidades daquele tempo inacabável, implorando ao seu filho que conte, no futuro, o que realmente foram os anos de chumbo. Ao pedir que suas palavras sejam inscritas na história, ela expõe a importância do registro da memória, de como o lembrar, pelas gerações futuras, pode significar liberdade.

Conta ao teu filho, meu filho,
daquilo que nós passamos;
que havia fitas gravadas,
retratos de corpo inteiro.
Conta que nos encolhemos
como animais espancados;
que respirávamos baixo,
olhos fugindo dos olhos,
as mãos frias e suadas. [...]
deixa inscritos como eu deixo
sinais em troncos de árvores,
letras em papéis esquivos
para que não escureça
esta lâmpada mesquinha [...]
Conta a quem possas, meu filho;
o que em ti forem palavras

nos outros serão raízes.
(Pallottini, 1979, p. 37)

WILLER (1978) ressalta que esse poema de Pallottini apresenta o elemento motivador de toda a produção artística daqueles tempos: a escrita como um modo de sobrevivência. O crítico, também poeta, caracteriza a obra daqueles que escrevem sobre a barbárie como um ato de coragem, uma vez que implica enfrentar e sentir o horror frente ao qual, normalmente, se fugiria. Por isso, embora sejam textos que, em primeira instância, possam parecer íntimos, na verdade “remetem a questões de caráter mais geral, quais sejam a natureza e a função social da poesia como um instrumento de desrepressão interna e externa” (WILLER, 1978, p. 16).

Diana Bellessi também pode ser caracterizada a partir das considerações de WILLER. Em seu livro *Crucero Ecuatorial*, publicado em 1981, a poeta argentina, nascida em 1946, também narra as experiências de sua excursão pela América da década de setenta. Já no texto de abertura, apresentado a seguir, é possível observar a tônica de todos os outros: um discurso intimista e efêmero, combinado com a observação de paisagens e culturas.

I
Algo de aquel fuego quema todavía.
La luz del sol móvil
sobre la copa de los árboles,
y mi corazón desbocado, de deseo.
Afuera, al alcance de mi mano
la fiesta.
Los tiempos verbales
amarrados, como helechos a una misma piedra.
(BELLESSI, 2022, p. 145)

Outra razão para que esse seja o número um da reunião é a sugestão, a partir da passagem “Los tiempos verbales amarrados”, da permanência da linguagem, e portanto da memória, que assim é fixada no tempo. Tal premissa é explorada em todos os poemas do livro, sobretudo em “III”, o qual faz referência às Mães e às Avós da Praça de Maio e a importância de inscrevê-las “en el escueto retrato de los años” (BELLESSI, 2022, p. 147). BELLESSI demonstra, em apenas seis versos, quem eram as mulheres que rebelaram-se contra a ditadura argentina para encontrar seus filhos e netos desaparecidos, que mesmo com “un rictus amargo” na boca, indicando o sofrimento, elas possuíam “una mirada de fieras”, uma força e uma determinação que rachavam a estrutura daquele regime autoritário e cruel. Por isso, a voz poética junta-se a elas, “Las Locas de Plaza de Mayo”, para “despertar al vivo y al muerto” (BELLESSI, 2022, p. 147).

As Mães da Praça de Maio é um movimento humanitário, conhecido no mundo todo e em atividade até hoje. Seus primeiros passos foram em 1977, quando catorze mães foram à Praça, que fica em frente à Casa Rosada (sede da presidência argentina), a fim de fazer um protesto silencioso para obter respostas pelas filhas e filhos desaparecidos. O grupo continuou a crescer, rapidamente já eram mais de 200 mulheres (PONZIO, 2010). Os repressores responderam tachando-as de loucas, deslegitimando seu discurso como irracional. No entanto, não foram apenas eles que assim as viam. Conforme observou OLIVEIRA (1992, p. 134), elas “eram loucas, dizia o Ditador, convicto de sua razão. Eram loucas, diziam os políticos da oposição, que criticavam sua intransigência, sua recusa de qualquer pacto, acordo ou negociação. Eram loucas, dizia a complacente Igreja argentina [...]”. As mães, contudo, ressignificaram o termo, adotando a denominação de loucas como forma de resistência. Loucas sim porque ousaram

rebelar-se contra um governo antidemocrático em busca dos seus entes queridos que foram torturados e mortos, com sepultamento negado, assim como o luto dos que os amavam. Por isso, BELLESSI refere-se a elas como “Las Locas de Plaza de Mayo”.

Diante desses exemplos, é possível perceber como as obras de PALLOTTINI e BELLESSI são um arquivo da história das ditaduras latino-americanas, nos moldes da concepção de FIGUEIREDO (2017). Mais do que isso, suas memórias revelam as perspectivas de mulheres intelectuais, as quais escolheram, mesmo com tamanha repressão e perseguição aos opositores, fazer de sua palavra escrita um ato de denúncia, um manifesto de resistência.

4. CONCLUSÕES

Renata Pallottini e Diana Bellessi escreveram sua poesia em compasso com o contexto em que estavam inseridas, isto é, as ditaduras militares instauradas em seus países. Portanto, sua literatura conserva essas memórias, atitude essencial do fazer literário de acordo com FRANCO (2003). Para o autor, em tempos catastróficos ou pós-catastróficos a arte tem o dever ético de expressar uma radical indignação frente ao horror, assim como produzir manifestações com o propósito de combater o esquecimento e o recalque, desempenhando, assim, um exercício de esclarecimento. PALLOTTINI e BELLESSI assumem essa tarefa em toda a sua escrita, visto que registram lembranças e contestam a história oficial.

Enquanto a poeta argentina prefere um estilo sensorial e sutil, carregado de metáforas, jogos de palavras e referências exteriores, a brasileira elabora sua lírica de forma crua, estabelecendo um tom constante de denúncia e indignação. Todavia, ambas constroem suas obras preocupadas em manter viva a memória para que o horror não se repita. Conforme os poemas demonstram, as autoras utilizam a linguagem poética como um mecanismo de preservação da história, a qual, como já desenvolvido anteriormente, insiste em marginalizar as experiências femininas acerca de momentos políticos e sociais significativos. Daí a importância das obras de PALLOTTINI e BELLESSI. Elas inserem na memória oficial novas perspectivas, diferentes daquelas apresentadas por quem sempre fez parte da hegemonia. Suas poesias, portanto, ressignificam os discursos tradicionais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLESSI, D. **Tener lo que se tiene**: poesía reunida. Buenos Aires, Adriana Hidalgo Editora, 2022.
- FIGUEIREDO, E. **A literatura como arquivo da ditadura brasileira**. Rio de Janeiro, 7 letras, 2017.
- FRANCO, R. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. In Seligmann-Silva, Márcio (org.), **História, memória, literatura** (pp. 351-369). Campinas, Unicamp, 2003.
- GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo, Editora 34, 2006.
- LERNER, G. **A Criação do Patriarcado**: História da Opressão das Mulheres pelos Homens. São Paulo, Cultrix, 2019.
- OLIVEIRA, R. A razão das loucas. In **Elogio da diferença**: o feminino emergente (pp. 133-140). São Paulo, Brasiliense, 1992.
- PALLOTTINI, R. **Coração Americano**. São Paulo, Feira de poesia, 1979.
- PALLOTTINI, R. **Obra Poética**. São Paulo, Hucitec, 1995.
- Ponzio, M. F. A voz dos lenços brancos: o corpo testemunhal das Madres de Plaza de Mayo. **Cadernos Neolatinos**, 7, Rio de Janeiro, 2010.
- WILLER, C. Poesia. **Versus**, 23, 16-17, 1978.